

REVITALIZAÇÃO EM ESPAÇOS PÚBLICOS: o caso do Largo da Batata (2013-2018)

Mírian Hing Jee Chiang (IC) e Eunice Helena Sguizzardi Abascal (Orientadora)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

Esta pesquisa visa analisar o projeto implementado de revitalização do Largo da Batata (2013-2018), abrangendo o período entre o fim da implementação projetual até os dias de hoje, procurando-se então realizar uma leitura da apropriação de seu espaço como de natureza pública, e compreender os elementos presentes ou ausentes, que facultam ou não essa apropriação. O Largo está localizado no bairro de Pinheiros na zona oeste da cidade de São Paulo, executado pela autoridade pública municipal e, sobretudo, monitorado pela população; isto é, contando com a forte atuação do coletivo “A Batata Precisa de Você” e todos os cidadãos, interessados em ocupar um local público e transformá-lo em um espaço de qualidade para se permanecer e conviver. Para isso, por meio de análise teórica, elaboração de categorias de análise projetual, além da realização entrevistas e pesquisas de campo, procurou-se compreender as razões e princípios do projeto apresentado para essa área de autoria do Arquiteto e Professor da FAU-Mackenzie Tito Lívio Frascino, desde seu planejamento até a sua implantação, bem como os resultados alcançados, que envolvem a preservação e também a alteração desses princípios, ao sabor de eventos técnico-políticos relatados. Além disso foi necessário, sobretudo, entender o espaço de intervenção, isto é, o uso e a ocupação após a conclusão do processo de revitalização empreendido. Com base na análise dos materiais de pesquisa obtidos, foi possível afirmar que as ações da população, sendo ela composta por membros públicos, profissionais da área e pessoas interessadas, deram-se de modo eficiente, ou seja, resultados foram atingidos a partir da mobilização dos cidadãos em prol do Largo da Batata. É possível dizer ainda que o processo serviu como um espaço experimental para intervenções dessa natureza na cidade, melhorou a qualidade da região e a qualidade de vida de seus habitantes, além de tornar a área atrativa para a população de outras regiões. Com isso, pode-se dizer que a revitalização nesse espaço serve como exemplo positivo para outros locais da cidade que necessitam de mais vida.

Palavras-chave: revitalização urbana, espaço público, Largo da Batata

ABSTRACT

This paper aims to analyze the revitalization of the Largo da Batata implemented project (2013-2018), encompassing the period from the end of the project implementation to today, aiming to accomplish a picture of the appropriation of the space as of public nature, and comprehending the present or absent elements. The Largo is located under the Pinheiros neighborhood on the west zone of the São Paulo city, executed by the public municipal authority and, nevertheless, monitored by the population; in other words, counting with the strong presence of the collective actuation “A Batata Precisa de Você” and all citizens, interested in occupying a public space and transforming it into a quality space to stay and cohabit. For such, through theoretical analysis, elaboration of project analysis categories and field research, tried understanding the reasons and principles of the project presented for this area by the Architect and Professor of FAU-Mackenzie Tito Lívio Frascino, from its planning to its implementation, as well as the results achieved, which involve the preservation and also the alteration of these principles, according to related technical-political events. In addition, it was necessary, above all, to understand the intervention space, that is, the use and occupation after the revitalization process was completed. Based on the analysis of the research materials obtained, it was possible to affirm that the actions of the population, being made up of public members, professionals of the area and interested people, were given in an efficient way, that is, results were reached from the mobilization of citizens in favor of Largo da Batata. It is also possible to say that the process served as an experimental space for interventions of this nature in the city, improved the quality of the region and the quality of life of its inhabitants, besides making the area attractive for the population of other regions. With this, it can be said that the revitalization in this space serves as a positive example for other places in the city that need more life.

Keywords: urban revitalization, public space, Largo da Batata

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa empreendida aqui relatada possui como foco o projeto de revitalização de um espaço público na cidade de São Paulo, em especial o a intervenção no largo da Batata (Pinheiros, zona Sul de São Paulo), no período de 2013 a 2018. A ênfase se encontra no uso e apropriação do espaço objeto de uma intervenção urbana pela população, considerando suas características, princípios norteadores de projeto, implementação e participação ativa da população. O fato de o novo Largo da Batata ter criado um calçadão (espaço para mobilidade peatonal) de consideráveis dimensões faz com que seja possível apropriar-se desse espaço como o de uma praça e não apenas um local de passagem. Este e outros elementos e propriedades do novo espaço são analisados neste trabalho, a fim de formar uma base empírica para a conceituação do espaço público, e de um espaço público de qualidade.

Para Vieira e Righi (1995, p.89), “a praça é o resumo da cidade”, ou seja, é nesse espaço que se pode observar a “alma” da cidade como os momentos cívicos, grandes concentrações de pessoas e atração do público. Em qualquer fase da civilização a praça requer contato entre as pessoas, abrigo e descanso; e com isso, abrange as mesmas preocupações: “a função da praça, a verificação de seus limites e a percepção das sensações cenestésicas sentidas pelo cidadão ao utilizá-la” (id., *ibid.*, p. 91).

A cidade de São Paulo possui diversos espaços públicos, porém nem todos são convidativos à permanência e contemplação, o que pode se explicitar pelas características tais como proporções e escala, mobiliário e equipamentos urbanos existentes, tratamento de materiais, presença ou não de elementos referenciais, tais como arte pública (LYNCH, 2006). Sendo esses espaços necessários para preservar ou recuperar as interações humanas, o estudo de tais elementos presentes capazes de torna-los aptos à apropriação e ao desempenho de atividades, é grande importância para uma efetiva revitalização dos mesmos. O objeto desse estudo, o Largo da Batata, passou por um processo de degradação após as reformas terminadas em 2013, logo o poder público realizou, por reivindicação de parte da população, um projeto de revitalização no local. Os resultados e o alcance da revitalização empreendida, bem como o processo de diálogo com coletivos e grupos que participaram desse período de transformações, consistem no escopo de base da pesquisa.

A revitalização urbana tem como objetivo proporcionar vitalidade a áreas degradadas ou sob transformação, por meio de um conjunto de ações, considerando implementar usos múltiplos, como atividades como comércio, serviço, lazer e cultura. Atualmente, a elaboração de instrumentos urbanísticos para projetos de revitalização não se limita apenas à parceria entre instituições públicas e privadas dado que “o urbanismo contemporâneo abandonou as práticas radicais das renovações, e passou a adotar medidas mais flexíveis” (JANUZZI;

PADOVANO, 2006, p. 97), isso quer dizer que houve um estímulo maior para a interação da população nas decisões que afetam o espaço urbano. Apesar de haver um conceito, não há uma convenção para se realizar uma intervenção, logo é preciso se realizar um estudo apropriado ao local escolhido para então se definir metas para o mesmo (id., ibid.).

Uma das características determinantes para o projeto de revitalização do Largo da Batata, localizado no bairro de Pinheiros, foi a atuação do Coletivo “A Batata Precisa de Você”, a qual estimulou o interesse e a participação da população durante o processo de implementação, por meio de discussões sobre a cidade, workshops, eventos artísticos, entre outros. Sendo assim, se faz necessária a discussão sobre o papel do cidadão em relação à cidade nos dias de hoje, em que as demandas do progresso somadas à complexidade do espaço urbano, resultam na máxima concentração de informação e acessibilidade. Portanto para projetar um território com uma qualidade urbana real e duradoura, deve ser realizado o desenho de espaços coletivos e urbanos: “a cidade é assim definida pelo projeto de seus espaços coletivos” (BASSO; VAN DER LINDEN, 2010, p.5). O design de novos elementos urbanos pode proporcionar a requalificação de áreas de uma cidade, sendo que a valorização dos espaços públicos por meio de intervenções urbanísticas é um tema que vem cada vez mais mobilizando diversos profissionais (id., ibid.).

De acordo com Alvim e Castro (2010), os debates em âmbito mundial sobre as desigualdades no meio urbano abrangem questões como o direito à cidade e os direitos da cidadania. Com isso, explicita-se a importância, no processo de planejamento das políticas urbanas, de uma ação avaliativa, isto é, uma resposta dos cidadãos às ações do governo que envolvem a cidade; dessa forma: “as formas e modalidades do controle do Estado pelos cidadãos- todos os cidadãos- certamente implicarão a construção de instâncias e metodologias de avaliação de políticas públicas e urbanas adequadas a esse novo contexto” (id., ibid., p.40).

A expressão “direito à cidade”, para Lefebvre (2008), pode ser analisada como direito “à vida urbana, condição de um humanismo e de uma democracia renovados” (id., ibid., p.7) em que o “urbanismo torna-se ideologia e prática” (id., ibid., p. 10). Isso quer dizer que em uma cidade, o urbanismo enquanto ideologia aponta os problemas sociais utilizando como referência seus espaços; já o urbanismo enquanto prática, é resultado das avaliações dessa ideologia somado às reações da população nos espaços, o que gera novos problemas a serem reavaliados, surgindo uma nova ideologia e assim por diante (LEFEBVRE, 2008). Portanto, para o autor, pode-se dizer que o urbanismo é essencial para requalificar a vida urbana: “ O *urbano* só pode ser confiado a uma estratégia que ponha em primeiro plano a problemática do urbano, a intensificação da vida urbana, a realização efetiva da realidade urbana (isto é, de sua base morfológica, material prático sensível) ” (op. Cit., p.88).

O exercício da democracia em questão cabe ao próprio cidadão, ou seja:

O enunciado das políticas públicas, problemas e respostas pelo Estado, tende (...) a se impor como única representação legítima (e por vezes mesmo a única possível) das práticas urbanas, se não for fortemente interrogado por movimentos sociais autônomos. (PRETEICELLE, 1990 apud ALVIM; CASTRO, 2010, p.45).

Para o crescimento da sociedade urbana, é preciso avaliar as novas demandas, sendo que essas “se revelam no decorrer da prospecção” (LEFEBVRE, 2008, p.124), ou seja, na prática do cotidiano. A busca pela transformação é fundamental para o desenvolvimento da cidade. Para Lefebvre (2008), a cidade ideal seria um espaço de transformação com os habitantes “eles mesmo móveis e mobilizados para/por essa obra (p.122).

A intervenção em um espaço público requer profissionais que possam agregar seus conhecimentos para resolver as deficiências desse, além do poder público que legaliza e suporta tais resoluções. Entretanto, ela é realizada principalmente com o interesse da população, o que não exclui os dois primeiros grupos citados. Para que um projeto de revitalização urbana seja bem-sucedido é preciso analisar seus aspectos qualitativos que contribuem para que o local se torne convidativo, proporcionando uma ressignificação do espaço sem deixar que a sua história seja esquecida.

“O impulso de dar ao seu lugar uma identidade pessoal não é apenas uma motivação para a auto expressão individual e coletiva. Identidade não é só aquilo que o homem quer dar ao seu habitat. Ela é também o que seu habitat oferece ao homem.” (ECKARDT apud. VIEIRA; RIGHI, 1995, p. 55)

Espaços públicos que são referência para as cidades, como o Largo da Batata, devem ser de interesse geral para uma participação coletiva e diversificada tornando-se, conseqüentemente de fato públicos. Portanto, o objetivo do trabalho é analisar os impactos do projeto de intervenção urbana na praça do Largo da Batata frente ao seu potencial revitalizador. Para isso, serão analisados aspectos como a proposta de revitalização, a execução e as conseqüências após a implantação da mesma. Em suma, o objetivo da pesquisa é analisar os resultados e os efeitos, isto é, aspectos positivos e/ou negativos do projeto enquanto revitalização de espaços públicos, para que possa servir de exemplo para revitalizar outros locais da cidade.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Revitalização urbana em espaços públicos na cidade

Mauro Calliari (2016), em seu livro 'Espaço Público e Urbanidade em São Paulo', relaciona a cidade com seus espaços públicos ao longo do tempo. Inicialmente no século XIX, havia um desinteresse pelos espaços públicos; porém com a crescente do comércio cafeeiro, sendo São Paulo ponto de estocagem da produção do Vale do Paraíba destinada ao porto de

Santos, a cidade cresceu e se modernizou, criando infraestrutura e atrativos suficientes para que a população começasse a ocupar as ruas de maneira intensa. No século seguinte, a fruição do espaço público se deu pela mudança de gestão da cidade, fazendo com que essas fossem o alvo dos investimentos com o objetivo de se criar um espaço urbano para se viver. Entre o século XX e XXI, o abandono e o conseqüente medo dos espaços se deram por conta da degradação do centro e o aumento significativo de vazios urbanos junto à privatização de moradia, transporte, consumo e lazer, muitas vezes cercados por altos muros. Dessa forma, a falsa sensação de segurança começou a ser questionada e viu-se a necessidade de retomar os espaços públicos. Atualmente, muitas reações vêm dos cidadãos comuns mostrando um interesse na reapropriação e reintegração dos espaços públicos. Pode-se dizer que há melhoras na vitalidade da cidade de São Paulo por conta de alguns fatores como discussões sobre o caminhar do pedestre, o incentivo da arte urbana, movimentos de ocupação de praças e ruas, como é o caso do Largo, entre outros (ibid.).

Segundo Jesus e Schiffer (2007, p. 15), revitalização urbana “engloba operações destinadas a relançar a vida econômica e social de uma parte em decadência da cidade”. As intervenções se dão nos espaços públicos da cidade e transformam o conteúdo humano diversificado e as relações cotidianas com o tráfego de veículos. Com isso, é possível dizer que o objetivo é transformar locais considerados degradados em áreas de entretenimento e lazer, não apenas em um local de passagem (FERREIRA; LEMOS, 2002). Para tal transformação, devem ser consideradas características como a “humanização dos espaços coletivos produzidos”; “valorização dos marcos simbólico e histórico existentes”; “incremento dos usos de lazer”; e “participação da comunidade na concepção e implantação” (VAZ, apud. LIMA; MENDONÇA, 2016, p.51). Isso quer dizer que deve-se oferecer um local propício para a realização das atividades humanas.

Laredo e Somekh (2013) comentam que para Borja (1998), é possível analisar o espaço público para entender as transformações da cidade, uma vez que traduz as dinâmicas da mesma. As autoras também apresentam a visão de Borja sobre o assunto pela percepção de Abrahão (2008):

Há, em Jordi Borja, forte convicção de que o espaço público é um instrumento urbanístico fundamental para o resgate da cidade democrática contemporânea, seriamente ameaçada pela dissolução, fragmentação e privatização dos seus espaços. (ABRAHÃO apud. LAREDO; SOMEKH, 2013, p.24)

O caso do Largo da Batata, objeto de estudo desse projeto, contou com uma forte atuação de diferentes camadas da população durante o processo de revitalização do local. Diante disso, é possível entender o sentido de um local ser de fato público: “estudar espaços públicos como as praças, por exemplo, justifica-se por se tratarem de espaços

“essencialmente” públicos, que supostamente possibilitam o encontro da diversidade, de identidades e de classes sociais” (TEIXEIRA; MAIA; CALADO, 2014, p.19).

Uma visão geral da história do Largo da Batata no contexto da cidade de São Paulo

O bairro de Pinheiros foi marcado como local de passagem desde os tempos pré-cabralianos, pois fora parte da trilha indígena que ligava o sudeste e o sul do país. Além disso, era ponto de travessia do rio, homônimo, caracterizando-se como local de passagem e permanência; durante o período colonial integrava parte da rota das boiadas. Em suma, o bairro tornou-se passagem obrigatória na viagem da cidade ao sul do Brasil e vice-versa. Entretanto, por conta do relevo íngreme e de trechos brejosos, “a condição de relativo isolamento persistiu”, isolado do “aglomerado paulistano” por meio de “grandes vazios”. Ao longo do século XX, “foi-se fortalecendo como bairro residencial de classe média, acompanhando a dinâmica de expansão do aglomerado paulistano como um todo” (CALDEIRA; ROLNIK, 2015, p.12-15). Em agosto do ano de 1910, o prefeito da época, Antonio Prado, promulgou a lei que oficializava o mercado rural em Pinheiros, posteriormente inaugurando o “Mercado dos Caipiras”, pode-se dizer que o bairro passou a ser uma centralidade caipira, dado que além da agricultura local os produtores de cidades próximas, como Cotia e Carapicuíba, vendiam suas mercadorias na região (REALE, 1982).

Desde o final da década de 1920 a região do mercado ficou conhecida como Largo da Batata, esse apelido se deu pelo fato da necessidade de se criar um depósito permanente para as batatas cultivadas por imigrantes japoneses da Aldeia de Cotia. Visto que o comércio foi bem-sucedido, em 1927, fundaram “a primeira cooperativa de produtores agrícolas do Brasil, com a denominação de “Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada dos Produtores de Batata em Cotia S.A.”” (AMARAL, 1969, p. 102). Seis anos depois, após o início do comércio de outros produtos como tomate e ovo, alteraram o nome da cooperativa para “Cooperativa Agrícola de Cotia”, aceitando lavradores dos demais ramos. Diante disso, um crescimento urbano no entorno foi estimulado.

Quando o país, através do Plano de Metas implantado no final da década de 1930, passou por um processo de modernização, “as terras das várzeas” então “começaram a comportar usos urbanos” (MASCARENHAS; SCIFIONI, p.40); isso quer dizer que passaram a ser espaços produtivos impulsionados pelas apropriações privadas, fazendo com que o bairro de Pinheiros ganhasse um caráter comercial e isso, conseqüentemente, deixou clara a segregação espacial na região: “A parte central em torno do Largo começou a assistir a demolição de antigos edifícios, substituídos por outros de três ou mais pavimentos. Tudo ou quase tudo estava urbanizado” (MASCARENHAS; SCIFIONI, p. 41). As mesmas autoras apresentam a visão de Petrone (1963) em relação ao bairro:

Há ausência de praças e largos; os terrenos baldios residuais são poucos e não demorarão a serem edificadas(...) há a construção de edifícios altos(...) mas no Largo a função não é residencial(...) ocorre a diminuição da influência do Mercado pinheirense, dada a concorrência que estabelece. (PETRONE apud. MASCARENHAS; SCIFIONI, 2014, p.41-42)

De acordo com Reale (1982), entre as décadas de 1940 e 1970, ocorreu um intenso crescimento demográfico, em quarenta anos o bairro passou de 16.000 para 45.000 habitantes. Tal crescimento se deu de maneira rápida e desordenada:

O fluxo cada vez mais intenso de veículos e pessoas pela região do Largo de Pinheiros, apesar de ter sustentado o vibrante comércio local, por se dar sobre uma estrutura viária antiga e praticamente inalterada desde sua formação inicial, trouxe problemas de congestionamento e poluição também crescentes. (CALDEIRA; ROLNIK, 2015, p.25)

A rotina do cotidiano faz com que as relações pessoais sejam substituídas por relações profissionais e institucionais, sendo isso um aspecto negativo na construção do espaço no mundo moderno (BALIEIRO; SILVA, 2015). Com o objetivo de favorecer empreendimentos imobiliários e financiar obra de ampliação da Avenida Brigadeiro Faria Lima, aprovou-se a Operação Urbana Faria Lima:

Instituída em 1995, pela lei ordinária nº 11732, de 14 de março de 1995, a Operação Faria Lima tinha o objetivo de realizar melhoramentos viários, obras, equipamentos e áreas públicas no perímetro da Operação. Ao mesmo tempo, melhorar a qualidade de vida, a paisagem e a infraestrutura da região. (ibid., p.21)

A primeira obra viária se deu em um “trecho de 2km que vai do Largo da Batata em Pinheiros até a Avenida Cidade Jardim, no Jardim Paulistano”, iniciado em 1968 e finalizado em 1970 (CASTRO; SILVA, 2006, p.84). Esse mesmo trecho junto ao cruzamento da Avenida Rebouças, apontado como o principal eixo de desenvolvimento da zona sul, foi alvo da proposta de desenvolvimento do Projeto de Lei; o qual tinha como um dos objetivos “ampliar e articular os espaços públicos, em particular os arborizados e destinados à circulação e bem-estar dos pedestres” (p.93). Além disso, visava abrir espaços públicos a fim de “possibilitar a criação de áreas de lazer e de circulação segura para pedestres e de vias que permitam a priorização do transporte coletivo sobre o individual” (p. 94) e também criar áreas verdes, ciclovias e mecanismos de absorção e escoamento das águas.

Novo Largo e suas consequências

Em 2001, ainda no âmbito da Operação Urbana Consorciada Faria Lima, o Largo da Batata foi incorporado ao conjunto de intervenções previsto, tendo sido então aberto um Concurso Público Nacional de Reconversão Urbana do Largo da Batata. Segundo Balieiro e Silva (2015), o resultado do projeto foi muito diferente do idealizado pelo arquiteto vencedor Tito Livio Frascino e daquele entregue definitivamente pela Prefeitura de São Paulo.

O Arquiteto Tito Livio Frascino e associados vencem o concurso promovido pela Prefeitura de São Paulo, para reordenar e ampliar os espaços públicos do Largo e do entorno, com a proposta de uma grande praça, capaz de tornar um ponto de referência importante para o resgate da identidade da região (FRASCINO et. al., 2013). Em 2002, a equipe vencedora é contratada pela Prefeitura Municipal para elaborar o projeto básico do empreendimento. Em 2003, é contratada a construtora responsável pela implantação do projeto, mas as obras iniciar-se-iam apenas em 2008 (id., ibid.).

A Operação Urbana Faria Lima, que incluiu a revitalização do Largo da Batata, já estava consolidada quando a intervenção urbanística foi proposta. Esta atendia a alguns aspectos, entre eles, o de funcionar como uma descontinuidade, pois se tratava de área degradada por usos inadequados e má conservação. O objetivo fundamental da Reconversão Urbana do Largo da Batata era transformá-lo em nova centralidade urbana no centro do Bairro de Pinheiros, bem como haviam os objetivos fixados pela Municipalidade para o projeto:

- Criar significativas áreas públicas e livres de grande qualidade, visando à valorização urbanística capaz de fundamentar a Centralidade de Pinheiros, com praças, equipamentos públicos e culturais, mobiliário urbano, arborização, e planejamento do transporte público.

- Promover o interesse da iniciativa privada em empreender no setor, de acordo com as normas e procedimentos da prefeitura (FRASCINO et.al., 2013).

O Arquiteto Frascino pontua o longo período de implantação do projeto, desde a seleção da proposta vencedora até a conclusão das obras, um período de 11 anos, que conforme este ator, reflete pouca experiência em projetos de renovação urbana complexos no Brasil. Outros fatores, nem sempre de natureza exclusivamente técnica, contribuíram para o atraso e/ou lentidão, ocasionando uma perda do ritmo das obras e desvirtuamento de seus resultados práticos: a mudança do governo municipal, em janeiro de 2004, paralisou o projeto e em sua retomada em 2008, foram introduzidas alterações decisivas. O desafio da coordenação entre diferentes órgãos da administração municipal envolvidos foi também um impedimento, as articulações possíveis entre companhia de obras (SPObras), companhia de gestão do transporte coletivo (SPTrans), companhia de tráfego (CET-SP), além de órgãos e conselhos de aprovação ambiental, acessibilidade, desapropriações, etc. As obras foram previstas no entanto, no entorno de duas outras importantes obras sob responsabilidade do Governo do Estado de São Paulo (Metrô), as Estações Pinheiros e Faria Lima, da Linha 4 – Amarela” (id., ibid.).

Após o fim das obras no local (2013), esse pretense espaço público se tornou um grande vazio, uma imensa área de concreto que “poderia ao menos ter sido gramada, a fim de absorver as águas das chuvas. Mas não” (MASCARENHAS; SCIFIONI, 2014, p.116). Em

2011 as obras não foram concluídas, de acordo com a publicação de 5 de dezembro de 2011 do site “mobilize- Mobilidade Urbana Sustentável”:

Já atrasada dois anos em relação ao prazo original de conclusão, a reforma do Largo da Batata, em Pinheiros, na zona oeste de São Paulo, deve acabar só daqui a mais de um ano e meio, em 2013. É essa a nova meta estabelecida pela gestão Gilberto Kassab (PSD) para o término da requalificação urbana, que inclui a construção de uma esplanada e de um terminal de ônibus.

Mauro Calliari, em 5 de dezembro de 2016, em sua publicação oficial no blog do jornal O Estado de São Paulo, “Caminhadas Urbanas- Espaços públicos, caminhadas e urbanidade” (2016, p. 1), discorre sobre as transformações ocorridas após o término das obras em 2013. Segundo ele:

Após quase uma década de trabalhos, a decepção das pessoas era evidente. O grande espaço de significado histórico, aberto no meio de Pinheiros era um descampado árido, sem bancos, feito com material de qualidade discutível, com poucas árvores esqueléticas, sem atrativos e sem serviços aos passageiros dos ônibus e metrô, ciclistas, frequentadores e passantes.

Mascarenhas e Scifioni (2014) apresentaram as visões de moradores e frequentadores da região, houve reclamação sobre a demora das obras, sobre o resultado não muito expressivo dado que continuou “ruim por causa da sujeira e do aumento do número de sem-teto na área” (p.127), porém houveram “poucos questionamentos em relação à identidade do bairro” (p.127). A partir de então surgiram dois movimentos de resistência, o primeiro não diretamente relacionado ao Largo é o “Movimento dos Moradores de Pinheiros contra a Verticalização do bairro”, apesar de fundamental, foi desmobilizado com o tempo. Em sua página na rede social Facebook os organizadores explicitam suas causas e objetivos:

Sem saudosismo, pretendemos preservar o pouco que resta de patrimônio histórico-ambiental, de cultura, de vida de bairro(...). Vamos nos organizar e reivindicar mais verde, mais vida comunitária, mais arte e mais tudo que seja bom para a vida do ser humano. Vamos resistir contra o bairro que querem nos impor! (MASCARENHAS; SCIFIONI, 2014, p.130).

O segundo foi o movimento “A Batata Precisa de Você”. No início de 2014 fora criada uma página na rede social Facebook¹, em que se podia observar que o movimento visava “organizar ocupações regulares no Largo da Batata, criando diferentes eventos, para que o espaço fosse utilizado pelas pessoas” (MASCARENHAS; SCIFIONI, 2014, p.132); a motivação do grupo criador se deu a partir do sentimento de abandono do local.

A relevância do movimento ‘A Batata Precisa de Você’

O grupo, por meio de intervenções, pretendia abrir um diálogo com o poder público propondo melhorias para tornar o Largo da Batata como um local de convivência. De acordo

¹ Ver <https://www.facebook.com/abatataprecisadevoce/>.

com a publicação de 2 de abril de 2013 do site da prefeitura de São Paulo, a implantação do mobiliário no Largo, uma das ações principais do projeto de revitalização, fez parte da última fase do Projeto de Reconversão Urbana na Faria Lima, iniciada em 2013 na qual visa a “reurbanização do Largo da Batata com implantação de praças e recuperação de vias”. No mesmo site em 23 de janeiro de 2014 a Assessoria de Comunicação da SPOBRAS, responsável pela requalificação do local, publica como uma das obras complementares a “colocação de novos equipamentos urbanos para promover convívio e valorização da área”, afirmando que “essa é uma solicitação dos moradores da região”.

A apropriação desse espaço “significa a luta contra a transformação deste espaço em propriedade privada” (MASCARENHAS; SCIFIONI, 2014, p.136), dado que uma obra voltada para um público geral pode não agradar os investidores e moradores da região pela possibilidade de degradação e conseqüente desvalorização da área. Após as obras de reconversão o Largo continuou com espíritos privatizantes, ou seja, com uma imensa praça de concreto deserta a qual priorizava apenas o fluxo; e isso, conseqüentemente, coagiu o uso e a ocupação, por causar constrangimento ao uso, não havendo um incentivo para utilização da praça como espaço de permanência. Entretanto, as ações do movimento servem de exemplo para a desconstrução dessa ideia, já que “é no cotidiano que emergem as resistências, que se opõem às necessidades do capital. É no plano vivido, da apropriação cotidiana, que o espaço se abre as possibilidades” (id.ibid., p.136). No início do projeto as pessoas levaram cadeiras de praia, cangas e colchões infláveis para ocupar o local, além de sacolas plásticas para compensar a falta de lixeiras (MASCARENHAS; SCIFIONI, 2014).

Além dos eventos que podem ser promovidos gratuitamente, o coletivo passou a instalar “peças de mobiliário urbano construídos de forma colaborativa e também tem feito voluntariamente a manutenção dos canteiros e das mudas de árvore plantadas na praça” (CALDEIRA; ROLNIK, 2015, p.63). A repercussão chamou a atenção da administração municipal e resultou, em 2014, na organização de oficinas, promovidas pela Subprefeitura de Pinheiros, “para debater propostas de ocupação do Largo da Batata” (p. 64), realizando um “zoneamento” do local para receber cada qual “intervenções e mobiliário urbano adequado aos usos de passagem e permanência ali destacados pelos participantes” (p. 65).

Nestes momentos, o Largo da Batata torna-se popular novamente, torna-se lugar, lugar onde o valor de uso sobrepõe-se ao de troca. Manifestações, ocupações semanais com atividades culturais, protestos. Independentemente da maneira como é utilizado, são essas atividades que trazem de volta a vida ao Largo da Batata. (MASCARENHAS; SCIFIONI, 2014, p.143)

3. METODOLOGIA

A metodologia para a realização dessa pesquisa envolveu diferentes fases. Primeiramente, para complementar o referencial teórico foi feita uma pesquisa bibliográfica

com base em teses, artigos e publicações oficiais sobre o histórico do Largo da Batata, a elaboração e o processo do projeto de reconversão do mesmo, os resultados após a reforma e a reação da população e da prefeitura em relação às consequências da execução do projeto, realizado pelo arquiteto Tito Lívio Frascino.

Para aprofundar melhor na questão do pré, durante e pós implantação do projeto, cinco entrevistas foram realizadas, uma em nome da Subprefeitura de Pinheiros representada por Livia Pacheco Ribeiro; uma com o Arquiteto e Professor da FAU-Mackenzie Tito Lívio Frascino, autor do projeto de reconversão do Largo da Batata, implantado e finalizado em 2013; duas com membros do coletivo “A Batata Precisa de Você”, o Publicitário Marcos Mauro Rodrigues e o Arquiteto especializado em paisagismo Sérgio Reis; e por último, uma entrevista realizada com membros do IPIU (Instituto de Pesquisa e Inovação em Urbanismo), Emilio Bertholo e Julia Miranda. A entrevista realizada com os membros do IPIU teve como objetivo entender como se deu a implantação de dois mobiliários no Largo da Batata produzidos pelo BATATALAB, sendo que o terceiro não participou do concurso de ideias. Os entrevistados não estavam presentes na gestão que atuou no projeto de implantação dos mobiliários no Largo da Batata.

Por fim, para entender as dinâmicas do Largo, foi feita uma pesquisa de campo que contou com visitas ao Largo da Batata em diferentes dias da semana e diferentes horários. Entre as bibliografias pesquisadas decidiu-se adotar como referência principal a pesquisa liderada pelo Prof. Luiz Guilherme Rivera de Castro que teve apoio do Fundo Mackpesquisa, a qual tivemos acesso ao Relatório Técnico Científico, “Espaços públicos: interpretações e projetos” (2017). Nessa pesquisa, foram avaliados espaços públicos em cidades selecionadas para esse fim, tais como Buenos Aires, Bogotá, Medellín e Quito, além de algumas praças em São Paulo: Praça Roosevelt, Largo da Batata, Parque Cantinho do Céu e Parque das Corujas. Foram selecionados cinco temas a serem observados, sendo eles relações público-privado em espaços público; segurança, vigilância e controle; imaginários e representações; identidades; e formas. Estas categorias de análise foram adotadas para analisar o Largo da Batata, objeto desta pesquisa.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

Para o aprofundamento da discussão sobre as causas que levaram o projeto de Reconversão do Largo da Batata ser idealizado até as reações da população após a implantação do mesmo, foram estabelecidas seis categorias de análise.

Antecedentes e projeto

Na entrevista com Tito Lívio Frascino, o arquiteto conta que o espaço público em questão não era bem um largo, do que originalmente era um centro de comércio varejista e

atacadista ligado principalmente à Cooperativa Agrícola de Cotia passou a ser uma transferência de ônibus dentro do espaço público. As ruas eram usadas como um terminal das regiões mais centrais da cidade para pessoas que queriam ir para as cidades dormitórias à oeste de São Paulo (Cotia, Osasco, Taboão da Serra). Essas pessoas aproveitavam para comprar alguma coisa, porém o comércio ficou deturpado e passou a ocupar todas as calçadas. A partir desse momento, viu-se a necessidade de planejar uma transformação no Largo, porém o fato ocasionava um transtorno em dois níveis, o primeiro é a Operação Urbana Faria Lima, já que por conta da nítida decomposição do tecido urbano, não havia uma base necessária para o desenvolvimento da cidade como estava preconizado pela Operação. O segundo fato é que a linha 4 do metrô iria funcionar, mudando fatalmente esse espaço público. Então os técnicos da prefeitura de São Paulo, queriam orientar de alguma maneira esse impacto e essa mutação urbana de forma mais coerente e chegaram a uma conclusão de realizar um concurso nacional para obter respostas dos arquitetos.

O concurso público de Reversão do Largo da Batata foi lançado dado que os técnicos da prefeitura, que avaliaram o Largo da Batata, chegaram à conclusão que esse espaço público passou de uma função urbana que ele tinha para uma outra característica que segundo eles, deturpou as possibilidades reais e o que efetivamente significava para a cidade esse espaço. Então reverter seria até voltar a ser o que era antes de fatos que o tornaram com conteúdo significativo para a sua formação.

Processos de implantação

Nas diversas intervenções que estavam previstas, Tito Lívio Frascino alega não entendimento da execução do projeto, o argumento que a SPUrbanismo usou para não fazer a concha acústica no lugar de show é que: “a linha de metrô passava embaixo, mas ela passa a 30 metros de profundidade e uma concha acústica não pesa nada, ou seja, não quiseram fazer porque alguém deu a opinião que era desnecessário”. Portanto, o projeto de Tito Lívio foi pensado para atender tanto às necessidades da praça como passagem, quanto como permanência, porém nem tudo que estava no projeto foi executado, dificultando o bom funcionamento da praça, o grande problema para o entrevistado é o fato de a sociedade brasileira não estar acostumada com um espaço público como uma praça, não há a cultura de como utilizá-la da maneira correta. De acordo com o arquiteto Tito Lívio, a reforma não foi bem recebida pela população, era árido onde nada acontecia, não tinha onde permanecer.

Fim das obras e reações dos moradores e frequentadores do Largo da Batata

As entrevistas com membros do coletivo ‘A Batata Precisa de Você’ iniciaram com o entendimento das motivações para a criação do coletivo e suas discussões sobre os objetivos a serem alcançados. Marcos Mauro Rodrigues diz que foi motivado por sua filha (Laura

Sobral) que foi quem iniciou o movimento, convocando amigos e familiares para fazer a ocupação, para a reapropriação do espaço público. Sérgio Reis não participou da criação do coletivo, mas tinha uma revolta muito grande com a situação do Largo, primeiro porque a obra demorou muito tempo e depois foi sendo entregue aos pedaços: “o piso se desfazia e não tinha mais nada, os frequentadores sentiram falta de bancos com encosto, lixeiras, bicicletário e árvores”. Quando ficou sabendo do grupo, juntou-se a eles.

Ação do coletivo, conversa com a Prefeitura e concurso de mobiliário

A princípio o coletivo ‘A Batata Precisa de Você’ percebeu que não havia um lugar para permanecer, não havia um mobiliário urbano para sentar, morar, comer, se divertir, conversar, etc. No início do processo de intervenção, membros do coletivo levaram algumas cadeiras de praia a princípio para servir para tal permanência. Isso desencadeou uma série de ações como pessoas que faziam amarelinha para as crianças brincarem ou outras que começaram a plantar nos canteiros e assim começou a surgir subgrupos, “Batatas Construtoras”, “Batatas Jardineiras”, entre outros. Isso se tornou uma espécie de point para outros coletivos se encontrarem, como a “Ciclocidade” e “Rios e Ruas”, houve uma confluência de grupos que se encontraram lá. Então a princípio o objetivo foi transformar aquele espaço inutilizado num bem comum e isso surtiu efeito. Depois realizaram oficinas com os moradores junto à prefeitura, com tipo uma charrete, isso quer dizer, com uma técnica desenvolvida pelo NCI (National Charrette Institute) dedicado a transformar o modo que as pessoas trabalham em conjunto, construindo assim uma capacidade de colaboração coletiva, ou seja, uma técnica de envolver os Stake Holders, os que têm interesse em um projeto em uma região, ou seja, é envolver uma comunidade de maneira sistemática. O que resultou foi: um bicicletário, árvores bem plantadas, jardins públicos, bancos com encosto, playground, lixeiras, banheiro público, bebedouros; a maioria foi implantada.

Sobre o diálogo com a subprefeitura de Pinheiros, para um dos representantes do coletivo entrevistados Marcos Mauro Rodrigues, a gestão de Haddad foi mais democrática, havia um bom diálogo. Porém para Sérgio Reis, outro representante entrevistado, a prefeitura foi um dificultador muito grande. Segundo o entrevistado, somente no final do governo eles puseram bancos, lixeiras, algumas árvores, mas com material de baixa qualidade.

De acordo com a representante da Subprefeitura de Pinheiros, Lívia Pacheco Ribeiro, os pontos debatidos pelos coletivos referentes a mobiliários do Largo da Batata eram indiscutíveis, pois os mesmos estavam deteriorados e a Prefeitura possui um contrato de doação e manutenção desses mobiliários, não sendo responsável pelas melhorias dos mesmos. Como a manutenção não foi feita, os mobiliários doados foram retirados, visando a segurança. A manutenção e o gerenciamento dos mobiliários e outros elementos do local é de responsabilidade da empresa que doou o serviço de zeladoria para o espaço.

A participação do IPIU nas ações feitas no Largo da Batata se deu de agosto de 2015 a janeiro de 2016, em parceria com o BATATALAB lançaram o concurso para projetos de duas das três categorias de mobiliários. A outra categoria, foi assumida pelo grupo “Batatas Construtoras”, já atuantes no movimento de intervenção no Largo. O interessante da questão é que foi inédito, já que o termo de doação a subprefeitura de Pinheiros teve dificuldade em encaixar uma intervenção voluntária nos termos que ela tinha, criando um termo de cooperação. A participação do IPIU foi representada por Carolina Teixeira junto ao Instituto a Cidade Precisa de Você, representado por Heloisa Sobral. A LOTE 5, criadora do IPIU, foi quem financiou o concurso de ideias. A manutenção dos mobiliários implantados, seria da própria subprefeitura, porém não puderam ser doados, pois em questão de custos eles não tinham como justificar. A ideia era que o IPIU e a Laura Sobral conseguissem parceiros da iniciativa privada para justamente adotar os mobiliários, dois deles foram adotados. Com a mudança de gestão do IPIU, pararam de acompanhar esse processo, conseguiram acompanhar até a pós-ocupação.

A lógica do movimento começa a se alinhar com o IPIU no sentido de não serem ativistas, serem um instituto que trabalha com pesquisas, mas o foco foi conseguir alinhar a produção da cidade com um cunho social: “o Largo da Batata é a porta de entrada, pois consegue agregar tudo aquilo que o IPIU pensa no momento: produzir uma cidade mais justa, produzir pesquisas que não sendo o movimento único da mudança, mas conseguindo articular pessoas para que a mudança aconteça”. O BATATALAB é um elemento de articulação e não de produção. O IPIU não produziu nada, apenas lançou um concurso e articulou junto com a Laura e com a prefeitura: “as autorizações para que o evento fosse feito, para que os mobiliários fossem colocados, aconteceram, a prefeitura foi parceira em todo momento”.

A entrevista realizada com a representante da subprefeitura de Pinheiros, Livia Pacheco, foi menos produtiva pelo fato de algumas questões em relação à obra realizada em 2013 terem sido responsabilidade do órgão público SPObras. O diálogo da subprefeitura com os coletivos que praticaram intervenções no Largo da Batata, segundo a representante se baseou em alegarem que haveria um contrato de adoção do espaço, mas ele não estava em vigor.

Pós Intervenção

Em relação às conquistas e frustrações da intervenção para o coletivo ‘A Batata Precisa de Você’, não havia dês de construção de mobiliário urbano até atividades que as pessoas queriam fazer; e apesar de realizarem estas, alegam não ser os donos da praça, pois ninguém é o dono da praça, na verdade, o público é o dono da praça, então em uma praça pública cada um faz o que bem entender. De acordo com Sérgio Reis, a direção básica era que o espaço público tinha que se transformar em um bem comum e ser utilizado como tal.

Sobre as frustrações, nem sempre o coletivo conseguiu convencer as pessoas a manter o local limpo, então atuaram na implantação de lixeiras: “é um trabalho lento e constante para que as pessoas participem e descubram que o espaço público também é delas”. A linha 4 do metrô terá um cruzamento da linha 20 e estação Faria Lima vai ser uma estação de transferência entre essas linhas, normalmente quando se realiza uma estação em uma estação pré-existente, há um enorme canteiro de obras com guinchos, buracos: “então tudo o que foi feito até o momento será desmontado e refeito novamente. Ideal não ficou, mas pelo menos o cidadão não tem a sensação de ser largado à própria sorte”.

Visita ao Largo da Batata

A relação público-privado em espaços públicos traçar limites desse torna-se tema político, pois os lugares específicos implicam a questão do viver coletivo, sendo a questão central do político (HERTZBERGER, 1999). O autor afirma que os processos e forças que atuam para o estabelecimento da divisão entre o que é considerado público e o que é considerado privado podem ser diversos, sendo infinitas as justificativas. Hertzberger(1999), afirma que um local em que os moradores estão envolvidos, onde a identidade é criada e mantida pelos mesmos, tudo isso pode levar a que se transforme em um espaço comunitário agradável de convívio. Sobre a segurança, vigilância e controle, segundo Marcelo Lopes de Souza (2008, apud Castro, 2015), relaciona o sentimento de medo e insegurança desencadeado diante de situações, problemas urbanos e conflitos sociais, resultando disso que a apropriação dos espaços públicos se torna fragilizada, tanto pela presença de forças de coerção, quanto pela falta de vigilância que afasta os potenciais usuários.

Além de fatores tangíveis o espaço público é constituído por imagens e representações. Em relação a este tema, podem ser investigadas questões relativas à imagem de representação subjetiva, bem como a imagem cultural, a relação que determinado espaço público possui com uma cultura, podendo-se observar a intensidade de domínio público que o local possui, ou seja, o nível de pregnância que o determinado espaço possui para os cidadãos que frequentam ou que conhecem o mesmo. Além disso, as identidades de um espaço permeiam entre a memória e o esquecimento, sendo compostas por memórias individuais e coletivas. A identidade do próprio lugar se baseia na combinação de atributos físico-espaciais e de atributos resultantes de processos sociais, isso quer dizer que depende da forma e das expressões de apropriação do espaço e dos usos tanto sugeridos pela arquitetura quanto adotados pela população. Por fim, as formas dos espaços públicos avaliam exclusivamente o entendimento do projeto tanto de arquitetura quanto de urbanismo, ou seja, relaciona elementos como limites, elementos naturais, geometrias, funções do espaço e do entorno imediato, acessibilidade, entre outros (CASTRO, 2017). Com isso, segue a análise do Largo da Batata feita entre novembro de 2017 e janeiro de 2018.

O mapa a seguir demonstra o potencial do Largo da Batata como ponto de encontro visto a presença de alternativas para o transporte coletivo, a sua extensão que permite diversos percursos para o pedestre e seu entorno majoritariamente comercial fazendo com que a região seja bastante viva, tanto de dia quanto à noite.

Mapa sobre análise do Largo da Batata:



Fonte: Qgis

Figura 1 e 2 – Área do bicicletário com canteiros de árvores, bancos e mesas



Fonte: autoria própria, janeiro de 2018

O percurso pedestre mais usual permanece a partir ou a caminho das duas saídas da estação de metrô Faria Lima ou dos pontos de ônibus, localizados na Av. Brigadeiro Faria Lima e na Rua Berel Aizenstein, a qual divide as áreas da igreja e do bicicletário. A vegetação aumentou após a reforma da atual prefeitura, mas continuam pontuais (figura 1) em alguns canteiros com gramados exceto algumas massas arborizadas que proporcionam uma sombra agradável, percebe-se uma mudança no cuidado com as árvores, visto que há proteções, poucos resíduos de lixo e a vegetação parece controlada. O mobiliário urbano sofreu algumas

alterações, dos bancos de pedra que também servem de mobiliário para skatistas foram retirados os encostos de madeira; os "bancos anti-mendigos" implantados recentemente estão instalados de maneira incorreta, já que a base que deveria estar enterrada, repousa sobre o piso, sendo menos acessíveis e portanto menos utilizados; as cadeiras e mesas de metal não possuem mais guarda-sóis, sendo menos utilizadas durante o período de sol forte, as mesas com bancos (figura 2) são uns dos mais utilizados, principalmente para alimentação.

Figura 3 e 4 – Área do mercado com mobiliários e bicicletário e da igreja com bancos e canteiros



Fonte: autoria própria, janeiro de 2018

A praça da área do mercado (figura 3) possui pouca vegetação com bancos, bicicletários e equipamentos infantis, é menos utilizada, mas há bastante movimentação. A área da igreja (figura 4) é mais sombreada e possui um piso diferenciado que abriga equipamentos de ginástica e infantis, porém não é a parte mais utilizada, os maiores usos desse trecho da praça não são os propostos, são de descanso nos bancos e espera dos ônibus.

Dado os temas de análise, sobre a relação público-privado há um trecho da área do mercado que permanece fechada por tapumes já apropriados pelos grafiteiros, fora isso, a praça possui como limites ruas e comércios que são principalmente bares e restaurantes. Atualmente, a divisão entre a área do bicicletário e a rua exclusiva para pedestres está fisicamente delimitada por grades da altura de um guarda-corpo, o que dificulta a conexão entre os bares e o Largo. Referente à identidade, há inúmeros usos da praça, além de passagem, o Largo é um local de descanso, lazer, esportes, etc; e de alguma forma não há conflito entre os usuários. A partir das 17h até 00h, é o horário em que a praça possui a maior ocupação do dia, esse período é o mais vivo do Largo, momento em que realmente sente-se a diversidade do lugar e o potencial das praças como um lugar de união/ encontros.

Sobre a forma, pelo fato do Largo ser plano sem muitas barreiras físicas faz com que seja de fácil visualização e convidativo, trazendo uma certa sensação de segurança. Sua grande dimensão faz com que seja um ponto de encontro em massa. Para a segurança, do fato da forma, há policiamento próximo ao metrô e por haver constantemente atividades no

local, não há um determinado espaço desértico. Inconscientemente há sempre pessoas prezando a segurança de outras pessoas. Por fim, em relação ao imaginário, após as reformas em 2013, a praça não criou uma imagem de uma praça de fato, não se imaginava a possibilidade de haver atividades que ocorrem atualmente; na época a população tratava o Largo como um depósito, como um atalho no caminho, como um local desprezível. Ao se perguntar sobre o Largo hoje em dia, ele é uma referência para atividades de lazer, culturais, artísticas e políticas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do trabalho era avaliar a eficiência das mudanças ocorridas na praça do Largo da Batata que visaram à revitalização de um espaço público considerado degradado e pouco atrativo para a população, após a reforma entregue pela Prefeitura em 2013. Para isso, foi preciso analisar alguns fatores que compuseram o processo de melhorias do Largo, tais como a proposta de reconversão junto aos motivos que levaram a lançar um concurso público e a execução e as consequências após a implantação da mesma, destacando a reação dos moradores e interessados frente à situação desagradável encontrada após as obras. Ao fim da pesquisa, pode-se concluir que as ações foram benéficas para a região, tanto para moradores como para outros usuários. O Largo da Batata destaca-se como um local de encontros, conexões e principalmente inovações que servem como uma experimentação com potencial para auxiliar as transformações em outros locais da cidade de São Paulo.

Dado que a cidade possui uma grande porcentagem de seus espaços públicos dedicados ao transporte particular e que a qualidade das calçadas nessas vias muitas vezes deixa a desejar, cada área dedicada ao convívio dos cidadãos é de extrema importância para a vitalidade da cidade. É nos parques, nas praças e largos que as pessoas realizam trocas de experiências, culturas, entre outras; com oportunidade de colocar em prática a alteridade, o ato de reconhecer e valorizar a diferença do outro, fazendo com que os pedestres ao redor deixem de ser estranhos podendo a individualidade distinta ser um fator agregador.

Historicamente, o Largo era visto como um local de livre comércio entre os produtores agrícolas que ocupavam a região, e os trabalhadores que o utilizavam como passagem de um transporte a outro também exerciam o seu direito de ir e vir e de escolha como consumidor. Atualmente, esse aspecto continua sendo a identidade da praça, um local que abriga diversidades e incentiva o exercício dos direitos que cada cidadão possui. Isso ocorre por conta das ações realizadas pela população cada vez mais ativa nas decisões públicas e interessada em uma cidade com melhor qualidade de vida. Mesmo o Largo da Batata ser considerado um local de passagem, isso não significa que não deve ser agradável. De maneira democrática, apesar da forte atuação do coletivo “A Batata Precisa de Você”,

qualquer cidadão pode promover atividades no Largo, além de propor diferentes maneiras de usos e ocupações para o mesmo.

A partir do momento em que as pessoas reconhecem aquele lugar como sendo seu, começam a frequentar melhor, a permanecer nesse espaço e a utilizá-lo, que é na verdade sua função, a de um largo, uma praça. Cada área possui suas condicionantes, porém é possível revitalizá-las a partir do momento em que as pessoas começam a ocupar, propor, utilizar e inovar. Foi dessa forma que o Largo da Batata se tornou referência, servindo como um grande laboratório de colaboração coletiva.

6. REFERÊNCIAS

ALVIM, A. T. B.; CASTRO, L. G. R. de. *Avaliação de Políticas Urbanas: contexto e perspectivas*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, Mackpesquisa e Romano Guerra, 2010. 143 p

AMARAL, A. B. do. *O bairro de Pinheiros*. São Paulo: Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo, 1969. 143 p

Assessoria de Comunicação SPOBRAS. *SPObras entrega obras da Operação Urbana Faria Lima no Largo da Batata*. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/obras/sp_obras/operacoes_urbanas/faria_lima/index.php?p=166831>. Acesso em: 23 jan. 2017.

Assessoria de Comunicação SPOBRAS. *SPObras mostra plano de projetos e obras da empresa para o período 2013 – 2016 para SINAENCO*. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/infraestrutura/sp_obras/noticias/?p=145309>. Acesso em: 23 jan. 2017.

BALIEIRO, L. G.; SILVA, F. F. do A. e. *Largo da Batata: da revitalização à reativação de um espaço público*. 2015. 56 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

BASSO, L.; VAN DER LINDEN, J. C. de S. *Mobiliário Urbano: Origem, Forma e Função*. 9º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2010.

CALDEIRA, D. A.; ROLNIK, R. *Largo da Batata: transformações e resistências*. 2015. 212 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

CALIARI, M. *Espaço Público e Urbanidade em São Paulo*. São Paulo: Bei Comunicação, 2016. 207 p.

CALLIARI, M. *O Largo da Batata, quem diria, está melhorando!* 2016. Disponível em: <<http://sao-paulo.estadao.com.br/blogs/caminhadas-urbanas/o-largo-da-batata-quem-diria-esta-melhorando/>>. Acesso em: 23 jan. 2017.

CASTRO, L. G. R. de. et al. *Espaços públicos: interpretações e projeto*. 2017. 112f. Relatório de pesquisa – Universidade Presbiteriana Mackenzie (Mackpesquisa), São Paulo, 2017.

CASTRO, L. G. R. de; SILVA, R. T. *Operações Urbanas em São Paulo: interesse público ou construção especulativa do lugar*. 2006. 419 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

FERREIRA, W. R.; LEMOS, A. I. G. de. *O espaço público nas áreas centrais: a rua como referência: um estudo de caso em Uberlândia-MG'*. 2002. 319 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

HERTZBERGER, H. *Lições de Arquitetura*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 272 p.

JANUZZI, D. de C. R.; PADOVANO, B. R. *Calçadas: a revitalização urbana e a valorização das estruturas comerciais em áreas centrais*. 2006. 318 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

JESUS, V. L. R. de; SCHIFFER, S. T. R. *As políticas públicas de revitalização de centros históricos e sua situação para as atividades culturais e de lazer: um estudo comparativo entre Buenos Aires e São Paulo*. 2007. 272 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

LAREDO, R.; SOMEKH, N. *Construindo o Espaço Público Contemporâneo: o caso da Praça Vitor Civita*. 2013. 97 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2013.

LEFEBVRE, H. *O Direito à Cidade*. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2008. 141 p.

LIMA, E. X. de; MENDONÇA, M. B. de. *Políticas públicas de requalificação de áreas centrais de cidades: o processo de requalificação do centro histórico de Manaus*. 2016. 122 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Contabilidade e Controladoria, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 227 p.

MASCARENHAS, L. P.; SCIFONI, S. *Reconversão urbana no Largo da Batata: revalorização e novos conteúdos na centralidade de pinheiros*. 2014. 158 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

REALE, E. *Brás, Pinheiros, Jardins: três bairros, três mundos*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1982. 223 p.

SEGUNDO, U. *Reforma no Largo da Batata, em São Paulo, acaba só em 2013: Pedestres, comerciantes e moradores convivem com calçadas esburacadas, lixo e entulho na região em Pinheiros*. 2011. Disponível em: <<http://www.mobilize.org.br/noticias/1080/reforma-no-largo-da-batata-em-sao-paulo-acaba-so-em-2013.html?print=s>>. Acesso em: 23 jan. 2017.

TEIXEIRA, M. da S.; MAIA, D. S.; CALADO, E. A. de F. *O processo de degradação e revitalização dos espaços públicos: usos e apropriações das praças no centro histórico de João Pessoa - PB*. 2014. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

VIEIRA, M. E. M.; RIGHI, R. *Arquitetura da Praça: espaço, arte e lugar*. 1995. 177 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 1995.

Contatos: mirianhjchiang@gmail.com e eunicehab@gmail.com